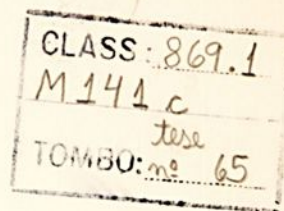


ODETTE PENHA COELHO



SVE

AS IDÉIAS ESTÉTICO - LITERÁRIAS
DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

(Subsídios para o estudo da doutrina literária vigente em Portugal no trânsito dos séculos XVIII-XIX)



Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília

1410000065



1973



PRIMEIRA PARTE

ANTOLOGIA DOCUMENTAL

Sobre a criação literária

P R I M E I R A P A R T E

CAPÍTULO PRIMEIRO

S o b r e a c r i a ç ã o l i t e r á r i a

CAPÍTULO PRIMEIRO:

Natureza ou arte?

As primeiras letras por João de Deus
nas de seu país:

Entre as mais preciosas riquezas,
a mais preciosa de todas as riquezas,
é o negro mysterio da leitura, de que se compoem os
caracteres de toda a civilização e de que se compoem
os pedantes. Convém a saber, que se preciso escolher um
escritor, e consagra-se inteiro, e entregue a sua vida,
forçando a sua mente, e dando a sua vida, e os seus
pensamentos a um único fim, a escrever, buscando, e de-
tinando para a leitura. (Moz. III, v. 3, p. 251).

"O movimento da mão está no

" Em quanto

O ensino das letras em Portugal é visto por Macedo sob a perspectiva do processo criador

os mestres fizeram seu emprego, e suas delicias de simples palavras,

em quanto só isto buscarem nos authores classicos, estranhos, e nacionaes; em quanto inspirarem aos infelizes rapazes o gosto esteril deste palavreado puritanismo, já mais de suas clamorosas escólas sahirão os mesmos rapazes com hum sincero, e efficaz amor ás letras, antes lhe ficárão com hum odio de todo o seu coração, e livre daquella afflitiva galé, buscarão outro rumo para seu estabelecimento, outra profissão muito diversa que lhe mantenha a existencia, e com que possam servir a patria, extinguindo-se desta maneira a cultura das boas artes, que tambem são da patria hum glorioso ornamento" (Mot. lit., v. 3, p. 77-8).

As acusações feitas por Macedo ao ensino das letras de seu país:

"Huma das mais perniciosas maximas, e muito arreigadas no coração dos instituidores da mocidade em o negro myster da leitura, he aquella que em grossos caracteres se acha estampada entre os preceitos de quase todos os pedantes. Convém a saber, que he preciso escolher hum escritor, e consagra-se inteiro, e entregado á sua imitação, formando o seu estilo, dispondo as suas idéas, e os seus pensamentos com a mesma bitola do escritor, buscado, e determinado para a imitação" (Mot. lit., v. 2, p. 261).

"O merecimento de huma obra não con

siste em o embrexado de palavras todas ellas escolhidas, e approvadas em periodos compassados, que nada dizem, nem explicação. E os livros que só tem isto, são os que de ordinario se propõem á mocidade por modelos" (Mot. lit., v. 3, p. 73).

"Os senho-

a. O "magister dixit" tem que ser substituído por uma ação voluntária do indivíduo

res professores de bellas letras, (que poucos existem capazes de ins

tituirem a mocidade!) deverião, como filosofos, espiar a indole dos mancebos que se lhes confião, e constituir-lhes diante dos olhos os melhores escritores analogos á sua propria inclinação, sem lhe dizer, que elles devem ser os seus modelos, esperar que os mancebos se affeiçoem por si mesmo; a natureza huma vez posta em acção, jámais permanece ociosa" (Mot. lit., v. 2, p. 269).

"Succede ás vezes, que hum moço de talento não se decide particularmente por nenhum dos authores que lê, mas gosta de todos cada hum no seu genero: bom indicio he este, porque insencivelmente vai recolhendo na sua fantasia as bellezas de todos. Estas fermentão, e formão como hum composto de terceira especie, donde procede hum estilo particular, e inteiramente proprio" (Mot. lit., v. 2, p. 270).

"Appareça

b. O coração tem que ocupar um lugar de relevo

hum saloio, que se ache em perigo de perder hum serrado, com

o qual se faz alquimista no meio da praça da figueira convertendo as ortalijas em ouro puro, appareça hum Algarvio a pon

to de lhe queimarem o bote, em que talvez se tenha affogado muita gente. Todos o verão mais eloquente que hum advogado, inda que seja daquelles, que só em partidos fazem vinte mil cruzados cada anno. A sua eloquencia será grosseira como elle, porém a expressão da natureza, e do sentimento será mais viva, e tocante que todos os provarás do enroupado causidico, que de chambre, e barrete de folhos na cabeça, dicta, passando ao faminto escrevente, ridiculos apontoados de Bartholo, Baldo, Cujaccio, e Pegas, pedindo depois dez moedas ao procurador pelos artigos de libello em que mostra, que o saloio cava fossa no serrado, e o Algarvio rema no bote, e que ambos vivem do seu trabalho" (Mot. lit., v. 2, p. 309-10).

"Hum homem vivamente tocado de hum objecto, ou fysico, ou moral, sente produzir-se na sua mente pensamentos vivos, e elevados, o seu coração sente de outra maneira, e conhece-se violentamente agitado: estes pensamentos, e sensações, que fermentão, e se reforção mais com a presença do objecto, que os produz, ou pela sua lembrança não pôdem concentrar-se no coração, e no espirito, he força que se expandão, que se externem(...). E isto não pôde ser se não por meio das palavras, e das lagrimas. Ora esta manifestação bem considerada, não he mais que huma erupção do coração, que se sacode de lá por se não poder conter mais dentro do mesmo coração. Então correm copiosas lagrimas, e as palavras rompem com huma violencia, e com huma robustez correspondente a affeição interna, que as provoca" (Mot. lit., v. 2, p. 308-9).

c. Os modelos ideais são os que tocam o coração

"De todo se

vio o que podia o christianismo, quando

Chrisostomo facundissimo, e hum dos mais eloquentes homens que apparecêrão no mundo, fallou na cadeira de Antiochia, e de Constantinopla. Estes são os oradores da primeira magnitude, que brotárão do seio do christianismo, e entre os que se lhe seguirão, que distincto lugar occupa hum Pedro Chrysologo! Derrama-se como hum impetuosa corrente, arranca a convicção, inflamma a vontade, remove o coração com hum sobre humano deleite do espirito. Estes homens cultivavão a filosofia, e enchião-se depois das augustas verdades da religião, ellas desenvolvião seus naturaes talentos, e apparecião depois consumados oradores, a sua eloquencia era do coração, e do sentimento. Este he hum privilegio particular, e privativo da religião christã" (Mot. lit., v. 1, p. 83).

"Bastará

d. A Filologia tem que ser substituída pela Lógica

pois a exposição de Cicero, quando o interprete, põe toda a

sua diligencia, todo o seu estudo em hum literal construcção conforme as severas leis da velha syntaxe, mostrando a pureza, e a elegancia da frase, conforme o juizo dos enormes vocabularios dos Ciceronianos de quinhentos, o tom harmonico dos periodos, a escolha do esse videatur, que fica tinindo nas orelhas, e a frequencia das figuras que os rhetoricões lhe marcão, e de que Cicero se não lembrou no impeto, e no calor da composiçãõ? De que utilidade pôdem servir as orações de Cicero a hum pobre rapaz estudante, expostas por hum homem,

que consumio a sua vida, e saude para sustentar huma questão de muitos annos sobre huma palavra, que hum poeta velho por divertimento inventou!" (Mot. lit., v. 3, p. 76-7).

/O professor de retórica deverá/"ao menos explanar a economia de hum arrojado de Cicero, a connexão, e a relação das idéas; a conducta, e os fundamentos da razão principal, e todas as suas ramificações; o scopo ou alvo a que o orador se atirava, os meios que empregava para chegar a elle, as cautélas escondidas da arte, os progressos do raciocinio; a proporção que havia entre o discurso, e a materia, entre o genero empregado, e a qualidade dos juizes, dos ouvintes, e do réo" (Mot. lit., v. 3, p. 75).

"Gibert no

e. A Retórica tem que ser substituída pela Lógica seu juizo sobre os mestres de eloquencia,
(como se ella fosse
coisa que se ensinasse) aponta inumeraveis*, cuja analyse feita de galope occupa trez grossos volumes, e tudo isto não fazia mais que mostrar a insufficiencia ou inutilidade das regras, para formar hum completo orador, ou no foro, ou na cadeira, e sem apparecer o que na verdade sempre me fez, e fará até á hora da minha morte impacientar contra as rethoricas, e contra os chamados professores de eloquencia. Tantos mestres, e tão poucos officiaes! Tantas leis, e nada de novo!" (Mot. lit., v. 1, p. 84-5).

"Fóra da República os importunos re

*. Por inumeráveis entenda-se "grozas de elementos, de eloquencia, e de tratados de rethorica, e instituições oratorias" (Mot. lit., v. 1, p. 84).

thorificadores, que quebrando a cabeça aos pobres rapazes com as cinco partes da oração, sahem della tão em jejum, como entrarão, e se querem fazer huma oração, engasgados com as regras, não se desatolão, nem para trás, nem para diante. Substitua-se-lhe huma boa dialetica, clara, methodica, intelligivel, que dirija as operações do entendimento humano, que ensine a considerar qualquer objecto dado por todas as faces por onde póde ser visto, comparado, e comprehendido, e deixem o mais á natureza, que se esta não faz o homem eloquente, este por arte se não poderá fazer; e se ajudado com as estereis regras, quizer produzir alguma coisa, apparecerá hum esqueleto hidiondo, e descarnado" (Mot. lit., v. 2, p. 18).

"E metteo-

f. A natureza tem que ser a força
motriz do processo criador

se mais esta mania
na cabeça aos homens
assentarem que as ar-

bitrarias leis, ou quando muito observações feitas sobre os bons modelos, podião crear ao homem o talento da eloquencia, se a natureza lho não tivesse dado. Os mesmos mestres de eloquencia são testemunhas desta verdade, quando sahem a público com alguma coisa feita pelas suas bitolas: apparece hum medonho esqueleto, e assim como em o esqueleto humano se estão mostrando, apparecendo, e contando todos os ossos. Assim naquelles oratorios esqueletos se vão contando, e apparecendo huma a huma as figuras, que alguns impertinentes como Vossio, e outros mais, que Gibert aponta no seu rol, fazem subir a 140, além de trópos, e o que elles quizerem mais. Nasce o orador, não se adquire este talento. O que se

chama rethorica não se deve empregar em mais, que em dar algumas regras sobre a elocução" (Mot. lit., v. 1, p. 85-6).

"De que servem tantas rethoricas, tantos tratados de eloquencia, como se esta se podesse ensinar, e não houvesse dado pela natureza para cada homem hum estilo, assim como ha hum a cara particular, e hum tom de voz!" (Mot. lit., v. 2, p. 17-8).

"O homem que tem coração, e sentimento, que estuda a natureza, que a escuta, e que a segue, será orador, e será eloquente. Por certo Jaques não estudou as regras nem no tempo de aprendiz de relojheiro em Genebra, nem no tempo de lacaios em Turim, nem no tempo de menino do coro, ou sacristão na Sé de Aneti, e Jaques he eloquentissimo. Esta minha opinião sobre a rhetorica, segundo minha lembrança parece-me análoga á opinião de hum escritor gallego, e frade Bento, chamado Fr. de tal Feijó" (Mot. lit., v. 2, p. 314).

"Eu vou com o meu aranzel por diante, e digo, que os dons do orador são puramente infusos, nascem infundidos na alma do homem, não se adquirem, e basta a desteridade do entendimento para os pôr em ordem" (Mot. lit., v. 2, p. 314-5).

"Aquelle em que estiver depositado o talento oratorio, despertará, virá com alguma coisa, rude, informe, indigesta no principio, advirtão-lhe os defeitos, e vão tocando nelles para diante, e o que não nasceo orador, vá aprender outro officio" (Mot. lit., v. 2, p. 317).

g. As regras têm que provir do gênio e não ser impostas a ele

"Corneille

escolhe para materia,
e argumento de hum dra

ma, o combate dos tres Horacios, que pelejavão pela liberdade de Roma contra os tres Curiacios valentões de Alba. Dois dos Horacios morrerão, e o terceiro, ainda que só, acha traças de dar cabo dos tres Curiacios. Hum crítico da escola, se julgaria excommungado se alterasse o facto historico, introduzisse mudanças, e accrescentasse da sua lavra circumstancias puramente ideaes. O Pedro Francez, via que o facto não tinha em si materia que bastasse para interessar aquelles, que amassem de coração a gloria dos Romanos. Fez-se casamenteiro, e genealogico, fez parentes os Horacios dos Curiacios, e proximos a hum noivado. Hum Horacio cazou com Sabina, irmã dos Curiacios, e hum Curiacio cazou com Camilla, irmã dos Horacios. Neste caso elle não só pinta huma batalha, que toca o espirito pela sua singularidade, mas pinta o amor da patria, superior ao amor do sangue, e o amor de huma mulher amante, e desesperada, superior ao amor de huma esposa afflicta. Assim obra, e cria o genio, que só caminha a grandes cousas, assim o tal Pedro, fez huma obra que honra o espirito humano, e ficariamos privados deste prodigio, se elle se algemassem voluntariamente com os tristes preceitos.

"Shakespear que se diz genio original, e a quem os Inglezes entoão tantas antifonas de louvor, cuja fantasia vivissima, pinta anima, e cria as cousas, inimigo jurado da fria, e frivola escola, sacode o jugo da verosimilhança, e das regras. Fez huma tragedia, que os Ingle

zes vão pôr nos cornos da lua, chama-se "Julio Cesar" o nome he cousa grande, e roliça! No acto terceiro, Bruto mata Cesar (fez muito bem, porque se tinha levantado com o santo, e mais com a esmola da República) depois começa de exortar os Romanos, que fação o mesmo aos apaixonados de Cesar, e embute-lhe hum sermão o mais sublime, o mais pathetico, o mais forte. Em poucos retalhos antigos, e modernos tenho eu topado com cousa mais elevada; sahe Antonio do bastidor, e destróe o effeito das palavras de Bruto com outras não menos fortes, e levantadas. E quem diria, que esta scena acabaria com a entremezada mais ridicula? Apenas o Antonio inspirou ao povo o ardente desejo de vingar a morte de Cesar, apparece nova personagem. O povo a cerca, e a móe com perguntas; pergunta-lhe como se chama, donde vem para onde vai, se he homem solteiro, se he casado, que idade tinha; depois que o deixárão fallar, responde o pobre homem, que se chamava Cinna; grita a canalha, este he hum dos conjurados, morra... Não, senhores, grita o miseravel, amarello como huma cidra, eu não sou Cinna da conjuração, eu sou Cinna o poeta. Não importa diz o povo, seja feito em pedaços pelos máos versos que tem feito. Assim termina o grande Julio Cesar de Shakespear, tão decantado por Pope commentador em a sua nova edição. A este homem faltou aquella boa dóse de ciso, que destingue o Francez, com esta poupou Corneille as regras que de nada servem, sem ella entornou o caldo o Inglez, porque não substituiu o juizo ás regras, que mostrou desprezar" (Mot. lit., v. 2, p. 291-4).

"O Tasso, e Milton, o primeiro pela implacavel crusca, o segundo pelos pedantes de Oxford, fo



rão julgados pelas regras tiradas de Homero. Corneille, e Racine forão julgados pelos pedantões da academia, sobre a mixorofada das tragedias de Euripides, e de Sophocles: (...). Como aquelles antiquissimos senhores obtiverão o suffragio, ou a preocupação dos seculos (como se não houvesse erros, e enganos successivos) se concluo daqui, que se não póde agradecer, se não seguindo as suas pégadas. Mas por ventura existe só huma estrada para chegar ao grande?" (Mot. lit. v. 2, p. 289).

h. A criação literária tem que ser motivada

"Estas vo-
zes da natureza se
fazem escutar constan-
temente, e só as pó-

de ignorar hum homem sem coração. Mas assim como estas não se despertão ordinariamente, senão quando o homem se encontra com aquella especie de produções, que são analogas com as suas faculdades; assim para se não enganar deve correr todas as especies, que o possão conduzir á imitação segura da natureza" (Mot. lit., v. 2, p. 268).

"O Enthusiasmo, que he o Constituti-
vo da Poesia, dilata-se, accende-se, inflamma-se na contem-
plação das maravilhas da Natureza, e he digna d'ella a ma-
gestade da Poesia. Talvez que a sua Origem fôra este bri-
lhante espectaculo de milagres continuos, e reproduzidos. A
Filosofia, e a Poesia andarão por muitos Seculos discordes,
e não se podia firmar mais solidamente sua alliança, senão
dando por objecto á Poesia o Espectaculo da Natureza" (A Nat.,
Ant., p. 8).

i. A estandarização literária tem
que ser banida

"Como he
possivel que os re-
thoricoes queirão fa

zer abraçar a especie de mania de transformar os genios em copistas! A medida que as cópias se multiplicão vão perdendo o valor e preço que lhe podia communicar o original. O que faz muito mal huma copia, talvez fizesse muito bem hum original. Para que se hão de os homens condemnar voluntariamente a serem copistas, quando podião ser originaes? Quantos talentos ficão sepultados, capazes das mais bellas produções? A natureza foi o unico objecto da imitação dos antigos" (Mot. lit., v. 2, p. 271).

S E G U N D A P A R T E

CAPÍTULO I S o b r e a o b r a l i t e r á r i a

1. A NATUREZA, ENQUANTO REPOSITÓRIO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da invenção:

"O espectaculo que aos olhos oferece a Natureza é o mais brilhante, e o mais pomposo de todos os quadros, nem ha objeto algum em que melhor se possa empregar a poesia" (A Cr., Pref., p. V).

"A verdadeira Poesia he a Poesia descriptiva; o que mais nos toca em Milton, são os seus pomposos Quadros. E porque nos ha de ser mais agradavel a ficção que a verdade? Mais um mundo ideal com suas quimeras, que o Mundo fysico com suas maravilhas, sua formosura, e seu portentoso, e invariavel magisterio?" (A Med., Disc. á Univ. de Coimbra, p. IV).

"Separado do trato dos humanos, e deixado como um abortivo infeliz da Natureza, e da ventura, em o fundo de uma prisão, suavizando muitas vezes pela lei-

tura de Seneca a amargura da minha funesta situação, eu cheguei áquella das suas obras, que elle dirige a Marcia para a consolar na morte de um irmão; aqui descreve este grande homem os empregos do seu desterro entre os rochedos da Corsega. Eles eram proprios de um homem philosopho contemplar o movimento dos ceus, a compassada regularidade dos astros, a harmonia de tantos corpos diferentes.(...)

"Obrigado a tomar esta mesma consolação que o philosopho tomava(...), comecei a alçar a vista por entre os ferros da minha prisão, e a contemplar, como elle diz, o insigne espectáculo da noite.(...) /Essa contemplação/ não era só uma simples vista, mas uma recordação dos principios astronomicos que possuia"(A Cr., Pref., p. VI-VII).

Gênio:

d. A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, atende aos requisitos do ato criador: gênio, arte e ciência

sia se me exaltava, e accendia mais, quando contemplava o Quadro do Universo, e as opiniões dos Filosofos. Por certo deve reinar huma eterna alliança entre a Poesia, e a Filosofia"(Newt., Disc. prel., p. 21).

"Depois de

haver tratado os assumptos da Poesia Épica, senti por experiencia que a fanta-

Arte:

"Não é coisa facil, ou para melhor dizer, é quasi impossivel dar a materias tão abstractas como as astronomicas, um tom que as faça preceptiveis, e so-

bretudo exprimil-as poeticamente. Virgilio tão senhor de si em todas as materias, tratando-as com aquella destreza que fará pasmar os homens em quanto os houver, descrevendo os trabalhos do campo, e uma theoria da lavoura, confessa que se vê opprimido de difficuldades insuperaveis - Verbis ae vincere magnum quam sit - que vencerei eu, que a par de Virgilio sou uma formiga, tratando materias muito mais escabrosas e muito superiores ás idéas vulgares, com termos technicos, e expressões peculiares? E depois d'isto, submettendo o pescoço ao insupportavel jugo da oitava rima!"(A Cr., Pref., p. IX).

Ciência:

"Dos Poetas Italianos o que mais me prende, e agrada he o Abbade Conti, Nobre Veneziano. Não deixa em suas Poesias, como se vê por seus mesmos commentarios, e dissertações, compostas para mais clara intelligencia de seus admiraveis versos, parte alguma intacta da recondita doutrina da Fisica antiga, ou nova. Offerece muitas vezes entre os vagos, ou magicos sons de sua innata harmonia a seus Leitores as escalas do Bello de Platão, as Pyramides dos Mundos possiveis de Leibnitz, as theorias das curvas de Newton; e por certo este erudito homem faz emudecer para sempre os que com tão orgulhoso desprezo considerão os Ecclesiasticos" (Newt., Disc. prel., p. 21-2).

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da disposição: ela constitui materia que reflete a lei da unidade na variedade

"O Espectaculo da Natureza he hum em si, mas vario em suas partes integrantes" (A Nat., Ant. p. 9).

"Quantas contemplo lucidas estrellas!

Quantos Astros centraes! Quão luminosos,

Quantos, quantos satélites velozes

Em torno delles caminhando eu vejo!

Em tão diversos, tão distantes corpos,

Tão varios entre si, tanta harmonia!"(Newt., p.

37-8).

"Todos os

A Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, focalizada sob a perspectiva da elocução: ela constitui matéria que reflete a lei da simplicidade

séculos podem ser de Quinhentos, se quem escreve escutar a razão, e a Natureza, e amar a majestosa sim-

plicidade que a mesma Natureza deixa ver em suas obras"

(Newt. Disc. prel., p. 6).

"Esta /a Na

A Natureza é vista como modelo. Assim sendo, ela substitui as regras

tureza/ he a mestra de todas as regras, o archétypo de toda

a perfeição, quem a sabe abraçar, e seguir, ri-se do encolhido pedantismo, que não falla senão como os Quinhentistas, que não escreve senão como os Quinhentistas, que não admite genero algum de composição, que não fosse abraçado, e seguido pelos Quinhentistas" (Newt., Disc. prel. p. 6-7).

"(...): logo o Sermão he bom, e não póde ser bom senão estivesse conforme com a regra universal da Natureza que as arbitrarías dos Rhetoricões no genero judicial, que forão as unicas de que se lembrou Couto, ou lembrárão a Couto" (Cout., p. 38).

"O exemplo

A matéria Natureza, enquanto repositório de conhecimentos científicos, impõe-se no campo da poesia pelo que apresenta de inaudito. Não obstante, o que é apresentado como novo é justificado pelos poemas da Antiguidade

de Hesíodo, de Lucrecio, de Manílio, entre os antigos, bastaria para resolver esta, e outras semelhantes questões*; nem eu teria

mais que escrever, nem o Público mais que ler, nem os severos e profundos Aristarcos, que nada escrevem e tudo julgam, mais que notar, ou mais que morder" (Newt., Disc. prel. p.21)

"Se para crédito, e preço desta aliança** eu não tivera mais que hum testemunho na Antiguidade, elle bastaria por illustre, e grande. Marco Tullio Cícero revio, e polio da sorte que o temos, o Poema de Lucrecio, que se publicou depois da morte deste Físico Poeta, e de quem no seculo da maior litteratura de Italia nos deo a mais bella traducção que existe Alexandre Marcheti" (Newt., Disc. prel., p. 21).

José Agostinho de Macedo em frente de questões que implicam numa opção de natureza ideológica:

A criação

a. José Agostinho de Macedo vê a criação e a formação do mundo, e o movimento da matéria sob uma perspectiva de cunho religioso

e a formação do mundo:

* Alude Macedo à aliança da Poesia com a Filosofia.

** José Agostinho de Macedo refere-se à seguinte questão - "A Física, ou alguma de suas partes, he, ou póde ser digna materia da poezia sublime?" É essa a questão que desenvolve no "Discurso preliminar" de Newton.

"Hum Deos assim fallou; de hum Deos que falla
 Em prodigios sem fim descubro as provas.
 Se repugna á razão materia eterna,
 Hum Deos lhe deo principio, hum Deos a chama
 Do Nada, e repentino o Nada he tudo.
 Na perenne fluxão da Eternidade
 Deos hum ponto marcou, e existe o Mundo.
 E, se do immenso espaço a essencia ignóro,
 Deos o espaço formou; já nelle os Astros,
 A voz do Eterno Author, scintillão promptos;
 O moto lhes prescreve; a lei lhe escutão,
 E nas prescriptas órbitas se móvem,
 Té que á voz do Immortal suspenda o Tempo
 As, que teve até agora, immensas azas"(A Med.,
 p. 258).

O movimento da matéria

"Não he da essencia da materia o móto
 Alheio della, vem extrema causa
 Que existe por si mesma: hum ponto ao Mundo
 De existencia marcou; disse, e moveo-se
 Subitamente a maquina pasmosa,
 Nada sendo até alli; foi tudo, e vive" (Newt.,
 p. 46-7).

b. José Agostinho vê certas desco-
bertas do mundo da Ciência e cer-
tos fenômenos da Natureza sob uma
perspectiva de cunho científico

Descobertas da Ciên-
cia:

"De Sarpi, e Porta aos immortaes cuidados,
 Ah! por certo deveo primeiros passos!
 Porém c'o Prisma, e calculos de Newton
 Pode formar a analyse das cores:
 Do Genio, tymbre d'Anglicos triunfos,
 O volume doutissimo propaga
 A luz que era só vista, e ignota sempre.
 Vãos systemas té alli que o throno occupão,
 Cahem sem força, e vigor no abysmo, e nada;
 E Experiencia só, corrige, emenda
 Quanto á moderna observação se oppunha;
 E a nova escóla Eclectica se eleva
 Sobre a verdade, e calculo sómente" (Newt., p.

140).

Resultados das pesquisas de Newton:

"Quão gloriosas consequencias vejo
 De teus principios, ó Britanno illustre!
 A notação do eixo em que se firma,
 Em que rodando vai pezada Terra:
 Do mar a exaltação, do mar a fuga,
 (Que fluxo, e que refluxo a prosa chama):
 D'astros primarios movimento eterno,
 Dos satélites seus que ao centro tendem;
 Dos Cometas excentricos, que o moto,
 E sempre incerto, irregular conservão,
 Os constantes periodos se marcão.
 A libração da prateada Lua,
 Astro proximo a nós, mas sempre ignóto,

E a causa achada dos velozes ventos,
 Do ar movido oscilações pasmosas.
 Tudo he patente já. Methodo exacto,
 E de integrar, de aproximar se abraça,
 E tudo, ó grande Inglez, tua gloria augmente!"

(Newt. p. 41).

A Mecânica:

"Mecanica, aos mortaes proficuo estudo,
 Depois de Newton teu sacrario aberto
 Eu vejo pela Europa, e mais se apura
 Do maquinista Siculo o talento,
 Que atalha os vôos das Romanas Aguias;
 Quasi vejo surgir Numes na Terra,
 A cujo aceno os corpos obedecem;
 Não he a Lyra de Anfião que os montes
 Manda a Thebas chegar, são leis profundas,
 Que ás sombras arrancou da Natureza
 O estudo da Mecanica pasmoso" (Newt., p. 147-8).

O relâmpago:

"Vejo o accezo relampago medonho,
 Oigo o horrendo trovão, vejo o espantoso
 Trilho abrazado do sulfureo raio ...
 Nada a meus olhos se me esconde, nada!
 E já de enxofre, de bitume, e nitro,
 De ácido sal, de alcalicos diverços
 Grosso vapor subindo eu vejo aos ares.
 Foi do Sol attrahido, o vento o leva;

Com violento impulso então fermenta,
 Prestes se accende, subito nos manda
 Essa palida luz sempre seguida
 D'alto fragor, que faz tremer nos eixos
 Timido o Mundo, e precursora he sempre
 Da chama rapidissima, que desce
 Com pavoroso estrepito, e que abate
 Quanto, voando, na carreira encontra" (Newt.,
 p. 41).

Os cometas:

"Não temas não te assustes vulgo insano,
 Que esse astro, que tu vês, não te annuncia
 As armas de um indomito tyranno,
 Que a patria te reduz a cinza fria;
 Nem por flagello teu, nem por teu damno
 A tua esphera o Immortal o envia
 Quimeras vãs de uma ignorancia antiga
 Faz tremer esta luz como inimiga.

"São astros como os outros, e alongados
 Do nosso turbilhão lá vão marchando,
 E ora eclipses immensas vão formando,
 E pelos raios ardentes abrazados
 Trazem medonhas caudas fumegando
 Até que as vastas orbitas feneçam
 e outra vez sobre o ar nos appareçam" (A Cr.,
 est. 95-6).

O eclipse:

"(...) a sombra escura
 Que do planeta envolve o brando aspecto,
 Não é golpe cruel da desventura,
 Mas sim de simples causa, justo effeito
 Na orbita que fórma a terra dura
 Attraída do sol com laço estreito
 Quando entre elle, e a lua passa
 Com o vasto corpo o lume lhe embarça" (A Cr.,
 estr. 87).

O sentimento da Natureza em José
Agostinho: a Natureza fornece ar
gumentos que provam a existência
de Deus

A árvore:

"As enramadas arvores me dizem,
 Que o Creador Supremo escuta, acolhe
 Das nossas precisões o grito, o brado.
 Vio dos Ceos o mortal, que errante, afflicto,
 Não tinha asylo mais que as ermas grutas,
 Tristes furnas dos horridos penhascos;
 As vicejantes arvores lhe prestão.
 Do Rei da criação pobre choupana
 Foi palacio primeiro, e seccos ramos
 Das injurias do ár, sem arte, e luxo,
 A muito fragil maquina lhe escudão" (A Med., p.
 169).

O coqueiro:

"O quasi insocial Tapuya errante,

Se humilde domicilio, e lar segura
 Intenta levantar, lhe abate os troncos;
 Delles a choça faz, que o raio accezo
 Ignora mais que os pórfidos, e jaspes,
 Nas orgulhosas cúpulas de Roma.
 Se vagabundo pelos bosques tenta
 Dos largos rios seus transpor as ondas,
 Escava os troncos, das extensas folhas
 Tece vélas subtis, que enfuna Eólo;
 De seu rasgado seio hum saboroso,
 Almo liquor extrahe, que as seccas fauces
 Lhe refrigéra no fervor do dia,
 Quanto he doce seu fructo, e delle corre
 O nectar suavissimo, que a vida
 Restaura, e nutre; no cruel accesso
 A horrenda febre pallida suspende:
 Ao sangue atropelado o curso enfreia,
 Anima o velho trémulo, vigóra
 Nos braços maternaes mimoso infante.
 No oleo se transfórma, que amacia
 De amargas hervas rusticas viandas:
 Ao socegado habitador dos bosques
 He sustento, he bebida, he casa, he tudo!" (A Med.,
 p. 170-1).

O trigo:

"Oh Trigo, oh rica dadiva do Eterno!
 Tu no effeito, e valor és delle a próva,
 Es a benção de hum pai, que ama seus filhos,

Das plantas Soberano e sceptro empunhas,
 No Imperio vegetal da Terra ornato! (A Med., p.
 176).

Espécimes animais:

"Não he maior a Sapiencia eterna
 Nestas pasmosas maquinas volantes
 Nem se mostra menor no insecto humilde,
 Que aos olhos do mortal parece hum nada:
 A mesma voz, e força omnipotente;
 Que do Nada o pequenino insecto,
 A tãrra, o Mar, e os áres dilatados
 São patria sua, e conhecido Imperio" (A Med.,
 p. 190).

2. A NATUREZA, ENQUANTO PAISAGEM

A Natureza, enquanto paisagem, na obra de José Agostinho, apresenta características distintas, conforme se trate de obras escritas em verso ou de obras escritas em prosa:

a. A paisagem descrita por Macedo
em suas obras em verso caracteri-
za-se por um acentuado academicismo
mo e por um exagerado verbalismo

"Já da Aurora ao clarão suave e puro
 Cedia o campo azul do immenso espaço
 De estrellas recamada a noite umbrosa;
 Nuncia do dia, ás lucidas esféras

Da luz primeira undulações mandava;
 Das mãos de neve, do purpureo rosto
 Brancas, brilhantes pérolas cahão
 No verde esmalte dos risonhos prados;
 E de Favonio aos hábitos suaves
 Do Brando somno as plantas resurgião.
 De ondas immensas de escarlata, e de ouro
 Erão os Ceos Orientais banhados;
 E pelo espaço liquido dos áres
 Os rorrejantes Zefiros có'as azas
 Do bosque as folhas trémulas movião" (Newt., p.
 27-8).

"Estava o Céu mui sereno,
 Tranquillo dormia o mar,
 E via a noite medonha
 A pouco e pouco acabar.

"Zéfiro brando nos ares
 As doces azas batia,
 E já dos Céos do Oriente
 Hum raio de Luz se via.

"Co'os orvalhados cabelos
 A rôxa Aurora apparece,
 E o Sol das altas montanhas
 A erguida fronte esclarece" (A lyr. an., p. 150).

"Hirás então por mares socegados
 Com bafagem serena aos deleitosos

Campos de hum bosque umbrífero cerrados,
 Onde crescem os ebanos lustrosos:
 Campos, prodigios n'Africa, regados
 D'argenteas agoas, zefiros mimosos,
 Quaes finge em Tempe antiga Poesia,
 Ou quaes Lysia em si toda ostenta, e cría" (O
Or., VI, 42).

Nas obras em verso de José Agos-
tinho o emprego do verbo ver em
primeira pessoa tem uma função
exclusivamente retórica

A atmosfera

"Já pizo o aereo cume; a luz brilhante
 Se me diffunde, se me espalha em torno.
 Como do meio do profundo Oceano
 Costuma alçar-se desmedido escólho
 Que vê quebrar-se nas eternas bases
 Já languida, e sem força onda espumante.
 Se olha de cima as voadôras nuvens,
 Que em tumidos chuveiros se desatão,
 E se escuta o fragor do raio accezo,
 Sereno, immovel permanece; apenas
 Pousar a escuridão nas faldas sente,
 E que o vento debalde a base açoita.
 Assim eu conduzido a immensa altura,
 Hum ár sereno, e puro, e luz mais viva,
 Bebo em torrentes, e deviso apenas
 Grossas nuvens pousar na Terra inerte,
 Onde envolta, qual ponto escuro, e triste,

Pelas aereas solidões do espaço
 Corre, sem propria luz, Planeta inglorio" (Newt.,
 p. 30-1).

O Sol:

"Se volvo aos Ceos extático meus olhos,
 Vejo proximo o Sol, de luz origem;
 O pélagos de fogo, a ardente massa,
 De que he composto o fulgurante corpo.
 He elle o fixo, o luminoso ponto,
 Elle o centro commum qu'em torno cercão,
 Sem cessar gravitando, aureos Planetas" (Newt.,
 p. 34).

Vários fenômenos da Natureza:

"A lua já descubro, e vejo os mares,
 Os largos, fundos, caudalosos rios,
 Que parecem, da Terra, obscuras manchas,
 Quando a vista de lá nos Ceos espalho.
 Ilhas descubro, altissimas montanhas,
 De cujas frentes escabrosas desce
 A luz reflexa, que da Terra eu vejo,
 Luz que lhe empresta o fulgurante globo,
 Origem della, e do calor origem" (Newt., p. 34-6).

"Que coisas

b. A paisagem descrita por Macedo
 em suas obras em prosa caracteri-
 za-se pela apresentação de traços
 que não se ajustam à lição legada
 pelos árcades

são estas boas artes!
 Dizem que são imita-
 ções da natureza. Quem
 vio jámais bailar, ou

dançar a natureza? Certos passos, e tregeitos uniformes, são imitações? O mesmo chamão á musica; o estrondo com que se interrompe o augusto silencio da natureza, he o bramido dos mares, quando se quebrão por cima dos rochedos, ou quando estalão pelas areas desertas de huma praia inhabitada. He o espantoso rebombo dos trovões, éco assustador, que augmenta o horror, e o luto da noite. (...) Dizem, que a musica he magestosa! Ha magestade mais terrivel que a voz de hum grande sino, tocado em dobre no silencio, de huma noite bem fechada, e bem triste?" (Mot. lit., v. 4, p. 41-2).

As dimensões indefinidas:

"A fórma mais simples da externa grandeza se nos offerece nos vastos, e illimitados prospectos que nos apresenta a Natureza, como he huma espaçosa planicie onde os olhos não descobrem limites, ou a indefinita expansão do Oceano, e a amplitude immensa do celeste Hemisferio" (C. fil. a Att., p. 88-9).

"Ainda que huma planicie illimitada seja hum objecto grande, com tudo huma alta montanha a cuja cima erguemos os olhos, ou hum grande precipicio quando lhe contemplamos o fundo, são objectos ainda maiores. A magestosa grandeza do Firmamento procede da sua altura junta com sua indefinida extensão" (C. fil. a Att., p. 89).

CAPÍTULO SEGUNDO:

O c o n t e ú d o e a f o r m a

No pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo, a concepção da obra literária, enquanto um todo formado por conteúdo e forma, ora é apresentada sob uma perspectiva clássica, ora sob uma perspectiva romântica

O conteúdo e a forma constituem elementos autônomos dentro da obra literária

humana nova forma de expressão com que as cousas se annuncião. Compreendamos isto melhor com hum exemplo: - A morte não perdoa a ninguem. - Eis-aquí hum pensamento verdadeiro, porém muito simples, e muito commum; para o fazer ressaltar, e tornallo de alguma maneira novo nada mais he preciso que exprimillo á maneira de Horacio: 'A palida morte piza com hum pé imparcial os Palacios, e as Choupanas.'" (O Esp. Port., 1º sem., p. 81).

O conteúdo e a forma constituem na obra literária um todo indissolúvel

única regra que ha, he esta. - Se queres ser eloquente, sabe bem a materia de que vais fallar." (Mot. lit., v. 1, p. 87).

"A verdade,

que por si agrada sem ornamento algum, pede muitas vezes hum enfeite que não he mais que

" O homem

eloquente jámais se lembrou das regras quando compõe. Pois se as regras não pódem, se a

"O estilo, e a frase são como huma

casaca, e os sentimentos, e os pensamentos são o corpo, que

a devem vestir. Os pensamentos, e sentimentos, são sempre relativos á indole do coração, que os produz, e a frase traz em si o character do sentimento, e do pensamento que a produz." (Mot. lit., v. 2, p. 265).

Neste trabalho, o conteúdo e a forma serão estudados isoladamente, em consequência do próprio modo como Macedo focaliza a obra literária

a. A Celebração da Natureza

A Literatura deve tratar assuntos que a enalteçam: a. A celebração da Natureza; b. O canto de fatos heróicos - passados ou presentes - c. O cultivo de matérias inscritas sob a égide do Cristianismo

"Quanto

mais rico de Filosofia Fisica for hum Poema, tanto maior, e tanto mais merecimento terá(...). Assim se emprega o dom da

Poesia, e só por esta vareda se podem despertar do lethargo os genios a quem a Natureza induzio, ou impellio para os versos "(Newt. Disc. prel., p. 21-2).

b. O canto de fatos heróicos - passados ou presentes

"Será chamado Poema Nacional, não só pelo assumpto, em que se emprega, que he o que mais te ennobrece, e exalta, entre todas as Nações da Terra; mas pe

lo amor da Patria que em todo elle reçumbra como fogo que se não occulta, e tão generoso, e nobre, que nem de ingratições se queixa, nem se tem alimentado da mais ligeira esperança de galardão, e recompensa; e que maior póde haver, que mostrar ao Mundo que hes grande, e que nada tens feito até agora, que não seja grande, e que não seja Portuguez?"(O Or., Ded. á Naç. port., p. 28-9)

"Eis-aqui hum effeito do amor da Patria, e da verdadeira adhesão ao Throno do nosso legitimo Imperante, e hum exemplo raro de fidelidade no meio do Seculo da corrupção, e do imperio dos vicios, bem capaz de envergonhar, e confundir muitos ingrátos á infatigavel liberalidade e boa graça do Principe Regente Nosso Senhor, que nos encheo de tantos beneficios. Hum homem atégora incognito entre o vulgo, acompanhado de outros intrépidos, por meio de evidentes perigos, se expõe á morte para levar a S.Alteza, que Deos nos guarde, a grata nova da restauração da monarchia tão felizmente começada no Reino do Algarve: eu me consolo na mágoa de o não ter acompanhado, porque o não soube, com o prazer, ou com o dever patriótico de publicar esta acção, que augmenta o catalogo dos rasgos maravilhosos da fidelidade Portugueza, e desta maneira a salvo do esquecimento, em que outros muitos tem ficado sepultados ou por incuria dos Escriptores, ou pela natural magnanimidade dos Portuguezes, que pagos da consciencia das grandes acções morrem com ellas sem curar da Posteridade, de que se fazem senhores quando as praticão" (O Nov. Arg., p. III-IV).

c. O cultivo de matérias inscritas sob a égide do Cristianismo

"Ouvirão-se novos oradores no seio do imperio Romano, tanto mais sublimes que os antigos, quanto mais sublimes erão as materias, que agora se ouvirão tratar. As grandes maximas de huma desconhecida dos homens, mas celeste moral, a profundidade dos mysterios respeitados pela filosofia, a defesa de huns homens perseguidos, só porque erão virtuosos, erão materias muito mais nobres, que as das arengas de Demosthenes, e Tulio." (Mot. lit., v. 1. p. 81-2).

A linguagem literária perfeita deve atender a. à lei da mudança na Literatura, b. ao ideal da vernaculidade, c. ao ideal da naturalidade e d. ao ideal da correção gramatical

"Mas existe huma especie d'Entes, que não ha muitos annos começáráo de assomar nos horisontes da literatura, (talvez para darem materia aos escriptos de algum novo Menchenio), e que só quizerão dar a conhecer por hum nome de sua propria invenção, chamando-se Quinhentistas; que vem a ser hum enxame de Idólatras cegos, pertinazes, e insupportaveis, que, pondo sobre fantasticos altares alguns homens em quem deo a mania, ou o achaque de escrever, que em todos os

seculos foi epidemico, e que escrevêrão no seculo 1500 da Era vulgar, os adorão como Divinos, e desprezão brutalmente todos os outros que não são elles. Chegão pois com o teimoso frenesim a este extremo: para saberem se hum livro he bom, não se embaração com a materia de que trata, nem com o author que o compoz, tudo isto he para elles de nenhuma importancia: seus estupidos olhos detem-se unicamente na data da impressão, e nome do Impressor "(Newt., Disc. prel., p. 4).

"Este infernal ou estúpido fanatismo tem damnado huma grande parte da Litteratura, tem tornado estereis os mais ferteis engenhos, que seriam grandes se se soubessem avaliar, e conhecer. Este pestilente fanatismo tem creado, nutrido, e engrossado huma seita a quem posso chamar affouto a seita dos Palavristas. Correm afégando após huma palavra, hum termo, huma frase de que usasse hum Quinhentista, conservão esta frase como hum thesouro, e sem acabarem jámais com a infantil admiração de hum Quinhentista, não se atrevem a compôr, ou escrever huma só pagina com que mostrem ao Mundo impaciente de os conhecer, que sabem alguma cousa, e isto por temor de que não fallárão, ou escrevêrão como escrevêrão, e fallárão os Quinhentistas " (Newt., Disc. prel., p. 5-6).

b. O ideal da vernaculidade

"E não poderá o Desapprovador sem faltar aos principios da mais inteira justiça, nem ás regras da mais severa decencia, aconselhar, e dizer aos grandes Poetas de Bote-

quim, que aprendão ao menos as regras da versificação, aos grandes Oradores que tanto móem, e atormentão nossos ouvidos, que estudem menos as regras da Grammatica, que se deixem dos Livrinhos Francezes, que não sabem traduzir, para nos não embutirem huma Sintaxe Franceza com palavras Portuguezas?" (O Desapprovador, p. 181).

"Porque não direi eu aos oradores, que meditem bem os immortaes exemplares dos primeiros seculos do Christianismo; que procurem tomar bem o peso ao ministerio, em que se mettem; que não arruinem, estraguem e enxovalhem a lingua com a miseria das traducções Francezas" (Mot. lit., v. 4, p. 75).

c. O ideal da naturalidade

"E fez este homem seita poetica ainda depois de se ausentar! E ainda he seguido pelos mancebos tocados da bor-tueja poetica! Ainda se cita com enfazi o tal Filinto! He huma ruina para os rapazes inconsiderados, tornão-se em fri-volos serzidores de palavras, e armonicos urdidores de ver-sos, que nada dizem " (Mot. lit., v. 1, p. 40-1).

d. O ideal da correção gramatical

"Cessem do Sabio Gre-go, e do Troiano'
etc

(...) e como eu não intento nesta Censura mais que fazer ver os enormes erros contra a natu-ral Razão, que se encontrão em todo o Poema, não me demoro em minucias grammaticaes. Seja muito embora imperiosa a ne-cessidade da rima; esta nunca deve obrigar a infringir as

leis da boa Grammatica para se não authorisar, e exemplificar o uso de vergonhosos solecismos em que os semidoutos tantas vezes peccão." (Cens. das Lus., v. 1, p. 24).

"Na Oit. 102 ha huma notavel falta de Grammatica, e tanto mais reprehensivel, quanto mais se considerão as Lusiadas como hum Livro Classico, que deve ensinar a pureza da linguagem á mocidade em as Aulas:

"Quem já ouvio dizer(...)

Com gente sem Lei tivesse guerra."

O verbo - Ter - não devia aqui estar no preterito plusquam perfeito do conjunctivo, e não he este o caso em que se deve dizer com Horacio:

Non ego paucis offendar maculis;

porque he huma grande nodoa, huma falta de grammatica em hum autor tão classico, e de tão bom seculo " (Cens. das Lus., v. 1, p. 127-8).

"O resultado da oração do Condestavel, foi que todos - (Oit. 21:) "Vão correndo, e gritando á boca aberta." Ora eu não sei como se possa gritar com a boca fechada! Não sei como se possa chamar Poeta quem falla impropria, e incorrectamente!" (Cens. das Lus., v. 1, p. 212-3).

O estilo de Rousseau

"Deixarão-

José Agostinho, por vezes, apresenta idéias que não se ajustam ao seu ideal de perfectibilidade linguística

se pois os taes senhores academicos Dijonenses ir atrás

do choro de huma eloquencia varonil, e vigorosa, de hum estilo, brusco sim, mas soberbo e magestoso, do novo tom que se dava a idéas velhas, do ar absoluto e decisivo com que se apresentou o campeão anteliterario, e á carga cerrada encaixarão na cabeça do cidadão almotacé de Genebra o loiro Appolo " (Mot. lit., v. 1, p. 165).

A identificação do es-
critor com a matéria
de que fala

"Hum homem que tem coração, tem sentimento, o sentimento he a linguagem da natureza, e quando o coração, está interessado, e posto em acção, a natureza he felizmente expressa, e imitada." (Mot. lit., v. 2, p. 287).

O estilo de D'Alembert

"Ora este D'Alembert, que eu antes de me curar da mania literaria estudei, analizei, e meditei profundamente, ainda que fosse grande conhecedor de geometria, e estivesse bem enlambuzado, e enfronhado em quatro epocas, e factos historicos, era hum homem muito mediocre em literatura. Quando o contemplo pela parte da dicção, acho hum estilo perfeitamente glacial, seco, e peco, amigo da agudeza pueril em continuadas antitheses: nunca soube dizer coisa alguma ao coração, e á imaginação, este defeito he hum peccado original em todos os geometras, que não se podem jámais sacudir dos cadozes rasteiros do a, e do x, e temem como a morte, largar a fria linguagem da razão, e a

triste linha recta do calculo fatigador " (Mot. lit., v. 4, p. 63-4).

José Agostinho reflete sobre a rima e sobre a tradução

a. A rima prejudica a expressão da idéia

José Agostinho vê a rima sob a mesma perspectiva pela qual a viram os árcades

"A guerra que os Gregos fizeram aos Troianos não foi hum effeito de insania,

ou loucura, foi hum acto de justiça para vingarem a injuria, ~~a~~ affronta que se lhes havia feito no roubo de huma Rainha; não sei como nisto haja loucura, ou insania, porém era preciso huma palavra que rimasse com Dardania, a primeira que occoreo ao Poeta foi - insania; - pois vá insania, o verso ha de rimar seja com que for, e como for " (Cens. das Lus., v. 2, p. 27).

"Parece que o forte peito he Giraldo, porque Giraldo he o forte peito. A rima he para Luiz de Camões hum jugo de ferro, que o opprime e tirannisa. Fique embora o sentido ~~ant~~ibologico, venha, ou não venha a coiza para alli, huma vez que rime, de nada mais se trata." (Cens. das Lus., v. 2, p. 126).

b. A Poesia dirige-se à razão e não aos ouvidos

"Depois da Época de Petrarca, a quem a presente Poesia, e Litteratura devem tudo, João Jorge Trissino deu o primeiro Poema Épico em vulgar, escrevendo em verso livre do jugo barbaro da Rima, á imitação dos Gregos, e dos Romanos; exemplo que devia desde então ser seguido, se os homens assentassem que em huma lingua tão harmoniosa como a Italiana, se devia mais satisfazer a razão, e o entendimento, que lisongear passageiramente os ouvidos " (O Or., Disc. prel., p. 40-1).

c. A rima contraria as
leis da Natureza

"Não ha huma alma, por paciente que seja, que leve de fio a pavo hum poema Francez, ainda que seja segundo elles dizem tão bem versificado como a Henriada, ou como qualquer das traducções de Delille, he hum choto tão uniforme, e continuo, que o mesmo solavanco que dá a cabeça no primeiro verso, he o que ha de dar no ultimo, além da continua enfiada dos ecos; porque se o verso de cima acaba dizendo zum, o verso debaixo que já o está esperando de alcatêa, tambem acaba dizendo zum." (Mot. lit., v. 4., p. 38-9).

A posição de José Agostinho de Macedo em face da tradução: na tradução não há lugar para a criatividade

Horácio

"Seria es-

A tradução só tem sentido, quan-
do tem por fim a divulgação de
obras de valor, mas inacessí-
veis devido à sua língua

cusada huma Traducção,
e della teria pejo,
pois o causa já o mis-
ter de Traductor, que

Dôctos, e não Dôctos tem desgraçadamente usurpado, Mas nem todos entendem Horacio em sua lingua materna, que até se vai desprezando o gosto da Latinidade, e nem as Traducçoens que d'elle ha em Prosa Franceza, e Portugueza, podem fazer conhecer hum Poeta de tão alta Jerarquia, não só porque he impossivel fazer conhecer o Espirito de hum Poeta em huma Traducção em Prosa, e porque a Prosa nunca foi a lingoagem da Poesia "(Obr. de Hor., Pref., p. XI).

Estácio

"A minha infausta estrella que me impellio irresistivelmente para á leitura, e contemplação desta casta de obras, me tem feito correr de fio a pavio milhares de volumes, eu sei que as cousas são relativas ao gosto, ao character, ás circumstancias de quem as trata, não me importão os mais, eu só fallo de mim, e comigo. Nenhum me prende o coração com mais vivo interesse, nenhum me transporta com mais rapidez, força e viveza de hum affecto para outro, nenhum me faz alhear mais de mim mesmo, nenhum se se nhorêa de minha alma com mais imperio do que Stacio. Este he o unico poeta que ha, com perdão de todos os seculos, de todos os rethoricões, e de todos os pedantes do mundo; tem ás vezes mais poezia em huma só pagina, que quantos alfarra

bios de versos tem parido, e talvez parirão as cabeças humanas, filhas de Eva." (Mot. lit., v. 2, p. 295-6).

"Tem com

A tradução deve ser literal tudo esta Tradução /a
das Obras de Horacio/
duas dificuldades da parte do mesmo Original para que sáia literal, e exactamente fiel: a primeira he, a exotica Syntaxe de que o Poeta usa: tem formulas particulares, e Hele-
nismos, que se apartão muito do mechanismo ordinario da Lin-
goa Latina " (Obr. de Hor., Pref., p. XX).

"Eu estou

A tradução, para ser literal, deverá transmitir a substância da obra focalizada persuadido, que as Tra-
duções, devem-se dar
por peso, e não por me-
dida, e quando he impossivel achar o identico, basta que se
encontre o equivalente: e quando absolutamente não póde ver-
ter a frase latina na frase correspondente Portugueza, he
licito dar em outra frase diversa o mesmo sentido do Auctor"
(Obr. de Hor., Pref., p. XX).

A Ilíada

"Se eu

A tradução não representa óbice para a avaliação de uma obra dissera 'O Grego de Ho-
mero não presta, e ac-
crescentára' Eu não en-
tendo Grego merecia eterna aposentadoria na casa dos orates.
Mas diga-me, Miseria, huma obra póde deixar de ser o que he,
pelo que pertence á sua substancia, construcção, andamento,

ordem, novidade, grandeza, ainda que se passe para outra lingua? Deixa Tasso de ser Tasso, ou de se gostar de Tasso na traducção do Tojal, ou na de André Rodrigues de Mattos? (...) Pois a Illiada não deixa de ser Illiada em qualquer lingua que se ache traduzida. Nem eu, nem viva alma póde aturar tal Illiada na traducção do tal homem, que se diz José Costa, não he, nem nasce o desgosto da miseria dos versos, do jargão inigmatico do estilo, ou linguagem, que parece á gente que está ouvindo fallar Alah Zarolho, Moiro Chico; nasce da salgalhada de coisas que alli vão, daquellas ralhações de velhas, dá cá a moça que he minha, deixe-me levar minha filha, aqui tem V.m. tres patações, olha tu grandissimo bebado, cara de cão, etc. etc., e que se segue em toda aquella ou fastidiosa ou somnifera prelenga" . .

("Dialogo - Eu, e Miseria." In: Mot. lit., v. 2, p. 177-9).

Os Lusíadas

"Se Racine ajuizasse do estilo, ou lingoagem Poetica de Camões, ignorando Portuguez, e governando-se por alguma pessima traducção em Francez, era Racine hum pedaço de asno: para ajuizar do estilo he indispensavel o conhecimento da lingua. Nas traducções, muda-se esta, e põe-se outra em seu lugar, mas a obra fica do modo que está, fica a mesma construcção do edificio, a mesma marcha, a mesma ordem, as mesmas circumstancias. Se o Poema he bom, tanto o he na lingua original como em outra qualquer, a Traducção nada altera, para julgar de construcção, como digo basta lê-lo. Ora, Senhores Investigadores, supponhamos, que Racine lêo a traducção do Perron de Casterá, he má, mas por

ventura deixa Baco de lá estar feito Clerigo em Moçambique? Deixa Jupiter de decretar a queda do Mahometismo?"(Resp. aos Dois do Inv. Port. em Lond., p. 18-9).

"Terem authoridade, os Francezes, e entenderem a nossa lingua quando louvão Camões, como o tal cavalleiro de Jaucourt, e não terem authoridade os Francezes, nem entenderem a lingua quando criticão Camões, como dizem na mesma página, e não se lembrarem que a materia, e ordem das Luziadas não se alterão nas traducções, porque a substancia sempre he invariavel, e só se pode alterar o estillo, porque em qualquer traducção ainda que seja em lingua Vasconça, ou Celtica sempre Thetis casa com Vasco com palavras de presente, e estipulantes, isto he ser contraditorio e he summa Sandice " (O ex. exam., p. 16).

CAPÍTULO TERCEIRO:

A imitação dos antigos
e
a originalidade
(O Cont., p. 88).

No trânsito do século XVIII para o século XIX, o preceito da imitação dos antigos passa a ter uma significação diversa daquela que teve entre os árcades:

"De repente

a. Imitar os antigos = roubar te muda este homem de rumo, e sem vir para aqui, pois fallava, e alleivosamente de Barros vem o sanhu-do (façanhoso) Vieira. E levanta-se assim hum testemunho público e falso? Se roubo Vieira, de hum crime assim dá-se huma prova. Appareça nos meus numerosos escritos, que não são produções huma clausula só roubada a Vieira. Não ha fel bastante em que se molhe a pena para rechaçar tão injusto agressor: eu o deixo votado á execração pública, ao ódio dos homens imparciaes de todos os seculos: eu o deixo (até para o não dizer sem hum justo sarcasmo) ao momento em que não reinar o ponche no agulheiro dos sabios no Botequim..."

(O Cout., p. 88).

"Não he necessario reduzir a maior evidencia a falta de originalidade na Fabula das Lusiadas, e sem esta caracteristica qualidade não ha verdadeiro Poeta; a paixão nacional nos não deve cegar tanto, que nos não deixe ver este tão cruel, como sensível defeito de Camões, pois conhecemos que toda a Fabula do seu Poema não he uma invenção, he huma copia. Nunca me deslumbrou a desculpa que derão á esterilidade da alma de Boileau, dizendo, que elle creava em si os pensamentos alheios; isto he hum laço de palavras; quem traslada os pensamentos de Horacio, de Persio,

e de Juvenal, traslada, e não cria. Ninguém chamará a Terencio original, quando vir que trasladava as Comedias de Menandro "(O Or., Disc. prel, p. 82-3).

"Nenhum Em

b. O preceito da imitação dos antigos deixa de ser levado em conta na avaliação de uma obra literária: busca-se criar uma obra original

prego ha mais proprio d'este raro talento tão aviltado entre nós* que o pomposo espectáculo da Nature

za; e pois existimos em o Seculo da Filosofia, tenha Portugal hum Poema Filosofico, e se a originalidade he hum merecimento, eis-aqui hum Poema Original"(A Nat., Pref., p.13).

"Com tudo sempre posso affiançar que se este livro** se imprimisse, todos o lerião com interesse; talvez seja o mais original, e extraordinario que haja apparecido."(Mot. lit., Prep. v. 1, p. 8).

"Mandei a

c. O conhecimento de diferentes obras passa a ser compreendido como um fator de natureza opressiva para a manifestação plena do gênio criador do poeta

V.S^a o Ranicio, porque a leitura de livros me serve de grande embaraço para a composição; enfim, não

posso lêr e escrever ao mesmo tempo, confundem-se-me as idéas, fico esterilmente pasmado; não quero livros de qua-

*. Refere-se José Agostinho à Poesia.

**. Fala José Agostinho do Motim literario.

lidade nenhuma. Nós não sabemos senão aquillo de que nos lembramos, e a mim lembra-me muita cousa, e é o que basta " (Cart., p. 78).

"As Lusiadas estão cheias de huma prodigiosa erudição, e talvez que os muitos conhecimentos suffocassem a alma de Camões; prende-se a alma com a demasiada erudição, e o pezo de muitas especies não lhe deixa soltar livres vôos, em que consiste a originalidade; e não produz plantas espontaneas hum campo muito cultivado de alhêas messes: a muita leitura opprime, e então no calor da composição não se cria, e só se produzem reminiscencias. Eis-aqui o que fez de Camões hum copiador, havendo-lhe a Natureza talvez dado disposições para ser original." (O Or., Disc. prel., p. 80-1).

d. O novo deve ser defendido, a fim de que as letras não percam a sua razão de existir

"O crítico sublime, he aquelle que deixa o genio em toda a sua liberdade, que del le não exige mais do que

cousas grandes, e que o anima a produzi-las. O crítico pigmeo, e rethoricão sugeita o genio ao jugo das regras, não exige mais que exactidão, dando-se por muito satisfeito com huma fria obediencia, e huma imitação servil " (Mot. lit., v. 2, p. 289-90).

"Não crescerião tanto as livrarias, se não fosse infinita a cópia dos imitadores, copiadores, redactores, traductores, e se escrevessem só o que original

mente podessem compôr, pensamento que já teve o embaixador da morte, o melancolico Young no seu tratado da composição original " (Mot. lit., v. 2, p. 31).

e. Os autores clássicos devem ser examinados à luz da razão e não impostos com a alegação de seu duradouro prestígio

elogiar, e levantar até ás estrellas, mais me persuado e capacito que ha preocupacções e erros successivos, e que se arreigão na razão inversa dos seculos que passam; porque a preguiça natural aos homens os obriga a julgar e acreditar sem exame o que foi mal ou bem julgado pelos homens. Quasi todos os seculos tem retinido com os louvores de Homero, e este panegyrico successivo passou sem exame aos modernos, que fizerão éco ás vozarias dos antigos. O Pezo e authoridade dos seculos nunca me póde mover, eu não conheço nestas coisas de sua natureza frivolas (e que importão versos) outro tribunal mais que a razão." (Mot. lit., v. 1, p. 44).

f. A Natureza torna-se o padrão aferidor do Belo literário, em substituição ao padrão formado pelas leis ditadas pela Antiguidade clássica

obras senão pela relação que elas tenham com a natureza, se as dos modernos se chegão mais a esta, e se a pintão, e imi

"Todos os

dias me quebrão a ca
beça com o mereci-
mento deste cantôr,e
quanto mais o oiço

"He preci-

so advertir, que to-
dos os escritores fa
mosos pintarão a na
tureza, e não se pó
de julgar de suas

tão melhor, excedem sem dúvida os antigos " (Mot. lit., v. 3, p. 15-6).

No trânsito do século XVIII para o século XIX, reflete-se sobre os meios adequados para a realização de uma obra original:

a. A matéria conhecida, ao submeter-se a novo tratamento, torna-se original

he nova, e muito original a maneira de as tratar " (Mot. lit., Prep., v. 1, p. 10).

b. A transferência do que foi visto na realidade fenomenal para a arte tem como efeito a criação do novo. Logo é mais importante observar os homens do que ler livros.

zo como os achei, vi, e contemplei em sua natural condição. Os mesmos quadros ideaes não podem ser verosímeis, se não corresponderem a hum archétypo natural " (O Or., Ded. á Naç. Port., p. 27-8).

"Não he no

vo o titulo, nem as materias tambem serão novas, mas por certo

"Nenhum

dos Seres creados existem fóra do ambito da Natureza; quando os pinto, busco transplantallos á minha imaginação, e os reprodu

José Agos-

tinho crê no progres-
so indefinido das Ar-
tes e das Ciências

Em face da questão relativa ao progresso das artes e das ciências, o pensamento de José Agostinho não se define de forma bem nítida: ora afirma a sua crença no desenvolvimento progressivo dessas manifestações do espírito humano; ora faz restrições a esse mesmo desenvolvimento, no que concerne às ciências chamadas por ele de intelectuais e às artes de imitação

ponto elle póde estender seus conhecimentos " (Mot. lit., v. 3, p. 13).

"He verda-

de que o entendimen
to humano tem seus
confins, e suas bar
reiras; mas quando
se trata de sciencia
cias, artes, e des-
cobertas puramente
humanas, não sabe-
mos ainda até que

José Agos-

tinho não crê no
progresso indefini-
do das Ciências que
dependam exclusiva-
mente da inteligên-
cia nem no das ar-
tes de imitação

"Eu admirei sempre hum prodigio na historia literaria da Grecia, e prodigio sem exemplo: huma escóla excluindo todas as outras especulações filosoficas, considerou como unica precisão das sociedades civís como unica base da prosperidade humana, como unico caminho para a perfeição, o estudo da moral. Esta escóla he a do mestre Socrates. Não quiz este grande homem escrever coisa alguma; mas a expressão da sua doutrina se acha com fartura nos li-

vros de Platão, e Xenofonte. Se a estes escritos se ajuntarem os moraes de Aristoteles, nada ha que desejar nesta materia, e não só os Romanos não adiantarão hum palmo nesta sciencia, mas os mesmos modernos com toda sua ufanía scientifica ficarão muito aquém da perfectibilidade destes immortaes escriptos. Não ha paixão alguma que alli se não ache bem definida, não ha movimento algum d'alma por mais rápido, e passageiro que seja, que alli não esteja analyzado, não ha virtude natural, que lhes fosse incognita; e ha tantos seculos ainda se não tem avançado hum só passo de mais. Apparecerão sempre tratados de ethica he verdade, mas só de novo trazião o nome do author. Nesta repartição da ethica ficou o engenho humano entre os Gregos naquelles limites a que podia chegar, o que prova, que em matéria de sciencias intellectuaes, e artes de imitação não ha perfectibilidade progressiva " (Mot. lit., v. 3, p. 213-5).

"He innega

Para José Agostinho a idéia do Belo é invariável

vel a preheminencia dos Gregos nas artes poeticas, isto he,

em todas as ramificações desta boa fazenda, que na verdade não sei para que sirva; vierão primeiro, e se assenhorearão das grandes imagens que a natureza offerece aos verdadeiros contempladores, e esta prioridade de tempo lhes legitimou a posse do primeiro assento nos bancos do Parnaso, excluindo todo o progresso ulterior a este respeito " (Mot. lit., v. 3, p. 207-8).

CAPÍTULO QUARTO:

A v e r o s s i m i l h a n ç a

e

a v e r d a d e

A idéia macediana da verossimilhança depreende-se de suas reflexões sobre a fábula e sobre as personagens da epopéia

Crítica a Os Lusíadas

A apresentação dos fatos num poema épico não deve ater-se ao rigor histórico, mas à lei da verossimilhança

"O primeiro, e mais essencial defeito da construção das Lusíadas, como Poema Épico, he não ser

nelle transportada a verdade historica para o estado do verosimil Poetico; este he hum defeito pelo qual o mui judicioso Quintiliano tirou da classe dos Poetas a Lucano, e o constituiu na classe dos Oradores; porque tirando da Farsallia alguns episodios, nada mais fica que o rigor historico, com a mesma ordem com que se achão todos os factos escriptos nos Commentarios de Cesar: Magis Oratoribus, quam Poetis ennumerandus. Tal he tambem a architectura das Lusíadas; tirados os Episodios, e o maquinismo infame, e ridiculo da Mythologia Pagã, fica a nua historia do descobrimento do Oriente da mesma maneira, e com a mesma exacta ordem, e muitas vezes com as mesmas palavras, com que a conta João de Barros em suas Décadas; nem podia ser mais ajustado, e rigoroso o roteiro que fizessem os dois Pilotos da expedição Pedro d'Alenquer, e João de Coimbra. Não posso aqui deixar de repetir humas palavras do assizado Commentador Garcez Ferreira, a pag. 121 do seu Apparato, - A esta obra do nosso Poeta convém melhor o titulo de Historia Episodica escripta

em verso, que o de Poema Épico " (O Or., Disc. prel., p.85-6).

Defesa de O Oriente

"Se sigo a Historia diz que não sou Poeta, se sou Poeta diz que não sou Historiador, e neste caso, na boa fé do Pato, sempre ha lugar para criminações, que vem a ser o mesmo que prezo por ter cão, e prezo por não ter cão. Naturam sequere, aut convenientia finge, diz Horacio. Suppondo como he licito á Poesia, hum Conselho de Estado para deliberar sobre a empresa do Descobrimento da India, cousa então não só contravertida, mas contrariada por motivos politicos, e pela não lograda expedição de Bartolomeu Dias, devendo determinar-se hum sugeito que ultimasse a empresa, escusando-se muitos, como aconteceu, levados de hum justo temor, e do conhecimento de sua muita difficuldade, supponho offerecido Vasco da Gama até para maior grandeza. Não se offereceo Christovão Colombo a El-Rei D. João II? Não se offereceo o portentoso Fernando de Magalhães a Carlos V, hindo-o buscar á Cidade de Çaragoça onde estava? Não foi Colombo, depois que o escusarão em Portugal, offerecer-se a Fernando, e a Isabel em Hespanha? Que muito que se offerecesse Vasco da Gama a El-Rei D. Manoel? Isto he fazer vêr que o Heróe he tão grande que com o conhecimento das proprias forças, talentos, luzes, e experiencia se offerece á heroica empresa. Pois não he maior merito o do soldado que se offerece para escalar huma muralha, ou montar huma brécha? Eis-aqui as idéas Pataes sobre a Poesia! Contar a

cousa como foi ... Id enim longe melius Historice faciunt.
 Isto fazem muito melhor os Historiadores, diz Petronio Arbitro. Queria Pato que dissesse o que dizem e como o dizem as Chronicas. - Que estando El-Rei a huma janella em Estremoz (eu digo que foi em Monte-mór) vira passar pela rua Vasco da Gama, bom Algarvio de Sines, e que dissera comsigo: - Este he que ha de ser; e que o chamára " (O Esp. Port., 2º sem., p. 51-2).

Defesa de O Oriente

"Continuação

Para José Agostinho é verossímil
 o que pode ocorrer no mundo fenomenal

dizendo: 'que no caso presente não ha motivos assás fortes para

que o amor produza aquelles effeitos, (o suicidio) o que faz improvavel o acontecimento' - Não o ha mais poderoso, e mais frequente, os Senhores não estavam aqui em Lisboa (estavam estudando Botanica) em huma quadra que depressa passou! Em que as mulheres derão de atirar comsigo das janelas abaixo, estas vistosissimas cabriolas não tinham outro motivo mais, que o amor; e entre os suicidios funestos dessa ilha, quantos terão tido este motivo! As mulheres quasi todas eivadas do miolo, entram em delirio, quando são abandonadas, enganadas, e illudidas por seus respectivos parceiros. Ignez da barra, estava nesse caso, supponhamos, que o amante, que talvez lhe devesse alguma coiza lhe tinha promettido não ir a tão incerta expedição, e que se via abandonada, lograda, perdida, e apaixonada furiosamente, que mui-

to que atirasse consigo ao mar, quando tantas, e tantas por muito menos o tem feito! Que inverosimilhança ha em hum caso, não só possível, mas a cada instante, real, e existente?" (Resp. aos Dois do Inv. Port. em Lond., p. 50-1).

Crítica a Os Lusíadas

"(...) na Oit. 39 começam a formar as incoherencias do costume. Fez o Poeta huma grande pintura da noite, a nuvem que tolda o Ceo, e que se estende por todo o Horisonte do mar, he negra, he temerosa, he carregada, por tanto augmentava, ou duplicava a obscuridade natural da noite, não se poderião vêr huns aos outros no convez, e tolda do navio; e como nos não diz que a figura vinha illuminada, he não só inverosimil, mas impossivel que se podesse devisar o Gigante ainda que maior que o estranhissimo colosso de Rhodes, envolto como se nos diz na mesma escura, e carregada nuvem, e se o total da figura não se podia devisar, a que luz vio o Gama tanta miudeza? Só se dissermos que á luz do farol da Náo, como reflecte o Commentador Ignacio Garcez Ferreira " (Cens. das Lus., v. 1. p. 261-2).

Defesa de O Oriente

Na caracterização de uma personagem deve ser observada uma coerência entre a ficção e a realidade

huma mulher no tempo d'El-Rei D. Manoel? Tão pouco o sabia

"Onde está a Ode de Horacio? E que implicancia havia em saber Latim

a célebre Donzella Joana Vaz que o ensinou a Infanta D. Maria?" (O Esp. Port., 4º sem., p. 152).

Crítica a Os Lusíadas

"A sua primeira acção he huma descortezia. Seja embora Marte hum guerreiro, está em casa de seu pai, e na sua presença, não devia bater o pé na casa, e para dar o seu voto, sem que Jupiter o pedisse a nenhum dos Deoses; porque elle não os consultava, juntou-os unicamente para lhes declarar qual era a lei dos fados grandes, que não podia ser quebrada; neste caso não tinham os Deoses que deliberar, a sua unica função era obedecer, e Jupiter devia reprehender, e até castigar a desatenção de Marte; porém o Poeta assentou que neste ridiculo Consistorio não devia Jupiter dar mais huma palavra, como com effeito não deo "

(Cens. das Lus., v. 1, p. 48-9).

Crítica a Os Lusíadas

As verdades de cunho histórico, científico ou religioso devem ser respeitadas

"Até ao

Ilheo de S. Filipe, e
Padrão da Cruz na costa da Cafraria Orien-

tal tinha chegado Bartholomeu Dias, que primeiro dobrou o Cabo da Boa Esperança, nome que já tinha nos ultimos annos do Reinado d'El-Rei D. João 2º. Do Ilheo de S. Filippe para cima até Mombaça encontrou Vasco da Gama embarcações, e vio, como diz a Historia, homens que navegavam ao nosso modo, e

que conhecião a arte de navegar; logo até áquelas paragens erão e tinhão sido navegados os mares; em Mombaça achou Vasco da Gama Mouros que navegavão, e lhe offerecião Pilotos para Melinde; em Melinde achou o Arabe Moalem Caná, visto na carreira da India, e que atravessou com Vasco de Gama o immenso golfão que está entre a Africa Oriental, e o Indostão." (Cens. das Lus., v. 1, p. 16).

Defesa de O Oriente

"Em primeiro lugar he já cousa sabida que em havendo allusão a algumas expressões da Escritura, temos o Pato embicado. Ha no Profeta Isaias esta grande expressão: - "Populus postquem non est alius. - Antonio Vieira se serve deste texto na Historia do futuro para designar a America, depois da America, ou além da America não ha mais povos. Os Japões são para o lado oriental relativamente á nossa situação occidental os ultimos povos da terra, bem como nós somos os ultimos do Occidente: mas seja o que for, o Pato para mostrar em tudo o furor de morder, e o prurido de fallar, quer na livre, e imaginosa Poesia, ou a exactidão de hum geografo, ou o rigor de hum seco, e ressequido Mathematico, quer o compasso das Sciencias exactas dentro do Imperio da Poesia: nesta não póde, porque Pato o quer, haver huma Hyperbole" (O Esp. Port., 2º sem., p. 92).

A posição de José Agostinho de Macedo em face do preceito do maravilhoso

A POSIÇÃO TEÓRICA de José Agostinho

perante o maravilhoso:

"Ora a es-

a. O maravilhoso presente num poe
ma deverá estar de acordo não só
com a Religião do herói e do poe
ta, mas também com a dos leitores

sencia da Epopea
constitue-se por duas
unicas cousas pelo
que retarda, e pelo

que apressa a conclusão, ou o complemento da acção. Este apressamento, ou este retardamento da conclusão he executado por agentes sobrenaturaes, a que se chama o maravilhoso, ou pelas circunstancias incidentes na marcha da acção na ordem natural, que se chamão episodios. O maravilhoso deve ser tirado do seio da Religião, seguida pelo Heróe, e pelo Poeta". (Gama, Disc., p. VII).

"Os Poetas antigos não se imitam nos seus agentes sobrenaturaes, imitam-se nas formulas Poeticas, na disposição da fabula, na transportação dos factos historicos para o maravilhoso verosimil relativamente á Religião, e crença do Povo para quem se escreve. Porque Juno se oppõe á navegação dos Troiannos, e a seu estabelecimento no Lacio, segue-se que Baccho se ha de oppor á navegação dos Portuguezes, e ao seu estabelecimento na India, porque tem medo que os Portuguezes com suas futuras cavallarias fação esquecer seu nome, como Juno se vinga da antiga injuria do juizo ou sentença de Páris, que adjudicou a maçã a Venus? O Povo para quem Virgilio escrevia cria em Juno; e os Portuguezes crem a existencia de Baccho? Virgilio usava do mara-

vilhoso da sua Religião como Idólatra; e os Christãos devem usar do mesmo que não acreditão?" (Cens. das Lus., v. 1, p. 44-5).

b. As divindades do Paganismo são apenas aceitas, quando presentes no nível do discurso

"A fulminante mão de Jove irado
Desvia os golpes seus, desvia os raios
Da planta grata a Apollo, ás Musas grata;
Ella fructo não dá; seu fructo he ella;
No campo ao vencedor a frente enrama,
Ella he premio, he brazão d'illustres Vates."
(A Nat., p. 213-4)

"Em zefyro se muda o bravo Eólo,
Nas solidões do espaço se occultava
O Plauto immobil no esplendente Pólo;
Todo no Mar o Ceo se retratava:
Do extremo ponto do Oceano Apollo
O disco fulgentissimo elevava;
A nevoa se desfaz, que o ar encerra,
Então brada da gavea hum Nauta: Terra!" (O Or.,
III, 49).

A POSIÇÃO CRÍTICA de José Agostinho
perante o maravilhoso depreende-se de suas censuras a Os Lu-
síadas:

"Na Oit.

a. Em Os Lusíadas, os navegantes portugueses figuram ao lado de entidades do Paganismo

20ª começa o decantado, porém absurdo Maquinismo das Lusiadas:

coiza perfeitamente monstruosa, além das nossas reflexões particulares pelo longo decurso desta Censura, daremos no fim huma erudita, e filosofica Dissertação que sobre este objecto nos foi communicada; ella acabará de lançar por terra este fantasma da opinião, e preliminarmente vou dar hum extrato das opiniões de dois Filósofos deste seculo; O primeiro he Lemercier no Curso analytico de Litteratura, vol. 3º, pag. 162; - começa com estes verso de Boileau:

N'hum assumpto Christão jámais approvo

Hum louco autor Idólatra, e Gentio.

'Boileau sabia muito bem, que o maravilhoso na Epopeia he necessario, nem soffrera que se misturasse com ornamentos mythologicos. Subcrevo a esta opinião, e as minhas razões servirão de expor que qualidades deva ter o maravilhoso. Não pode o maravilhoso ter poder algum em nossa alma se não trouxer comsigo aquella probabilidade que a boa Razão approva, e que lhe dá os precisos quilates de crença. Ora esta indispensavel verosimilhança não pode resultar se não de huma completa analogia com a época, costumes, e acções das Personagens. Supponde hum instante que a Virgem Maria em lugar de Thetis pedia a Vulcano hum Escudo para Achilles. Eis aqui a boa Razão scandalizada: mas esta ficção em que Camões representa a Baccho em hum 16º Seculo, isto he em 1497, conjurando com o Olympto contra a expedição do Catholico Vasco da Gama; e Venus, e as nymfas do mar, que aco

lhem os navegantes Christãos em huma Ilha encantada; Esta Maquina não he maravilhosa, he absurda, ridicula, e escandalosa. '"(Cens. das Lus., v. 1, p. 30-2).

"Esta Oit.

b. Em Os Lusíadas, há mistura do maravilhoso pagão com o maravilhoso cristão

11 do 2º Canto devia então, e ainda hoje devêra, fazer suppri-

mir o Poema, pois se não devia consentir que por huma extravagancia de imaginação, e pelo abuso de engrançar palavras que produção mãos versos, se misturasse tão sacrilegamente o Sagrado com o profano, e que huma ridicula, e infame Divindade do Paganismo povesse em hum Poema Christão em scena os mais augustos mysterios da Fé. E isto para que? Para enganar dois miseraveis degradados, que viessem dizer a Vasco da Gama; podeis entrar a barra de Mombaça, porque vimos em o oratorio particular de huma casa -

('Estava em Huma casa da Cidade')

hum painel da vinda do Espirito Santo. Os Commentadores, para salvarem aqui o Principe dos Poetas, dizem que este Bacocho era o Diabo: Isto ainda he peor.

'O Thyoneo até adora o verdadeiro.'

Se he o filho de Semelle, parido da coxa de Jupiter, he ridiculo, que este Numen adore o Espirito Santo; e se he o Diabo, então he hum absurdo ainda mais escandaloso na ordem da Religião; o Diabo nega a sua adoração a Deos, e este foi o seu delicto " (Cens. das Lus., v. 1, p. 98-9).

"A Deosa Thetis, hum Numen Pagão, hum Ente Mythologico, fallando dos mysterios da Religião Christã, vista em os passos do Sagrado Evangelho, conhecido_{ra} da incredulidade, e dos poderosos motivos da crença de S. Thomé! Isto he impropriissimo, monstruoso, e inverosimil; e muito mais fazer annunciar por Thetis a vida, e martyrio do Santo Apostolo. O que excede todos os apuros do ridiculo, he a enternecida apóstrofe que Thetis, Numen do Paganismo, faz ao Apostolo, depois de contar ao Gama como fora morto de huma lançada, na Oitava 118 " (Cens. das Lus., v. 2, p. 267).

"O que Bac

c. Em Os Lusíadas, o maravilhoso
não tem função

cho faz pela interven-
ção dos Mouros, podião
muito bem os Mouros fa-
zer sem a intervenção de Baccho, e era escusado hum Deos,
onde as circumstancias o não pedião. Intenta Baccho perder
alli os Portuguezes; isto farião os Mouros sem Baccho, por-
que, ou para queimar as Náos, ou para os accommetter em ter
ra á traição, e ou pela cilada, ou pela superioridade do nu
mero dar cabo dos Portuguezes, não era coiza que exigisse
forças sobrenaturaes, bastavão as naturaes paixões dos ho-
mens, a cobiça, a avareza, o odio, e a antipathia natural
entre Mouros, e Christãos " (Cens. das Lus., v. 1, p. 63).

A POSIÇÃO ESTÉTICA de José Agostinho

"Não quero

a. Macedo não pode ver o Belo artístico no maravilhoso pagão

questionar se a invocação he da essencia da epopêa, mas parece-me que as que faz Homero devem produzir hum estranho efeito n'alma dos seus piedosos leitores contemporaneos! Eis-aqui como elle começa a sua Illiada - Deosa, conta-me lá a cólera de Achilles, filho de Peleo - E a Odissea - Musa, conta-me lá os successos daquelle homem prudente, que depois de ter arruinado a sagrada cidade de Troya, andou vagabundo muitos annos por diversos paizes. - Não consta dos autos como se chamavão as duas - a Deosa, e mais a Musa, ao menos no pobre Luiz lá as chama pelo seu nome, e lhe pede tenham dó d'elle " (Mot. lit., v. 1, p. 61-2).*

b. Macedo vê o Belo artístico no maravilhoso cristão

"A descripção seguinte dará hum

ma idéa do seu maravilhoso ' Este maravilhoso

so, Senhores, he o mais verdadeiro, e o mais sublime, porque he o da Religião exposto com os rasgos da Poezia dos Hebreos. Deos manda hum Anjo, (Rafael) a voz do Eterno, seus

*. Aqui é necessário assinalar que José Agostinho sob determinados aspectos é capaz de admirar Homero. Depois de fazer a A Illiada "sinceras observações", conforme acentua, diz - "Mas nem por isso eu deixo de reconhecer Homero por hum grande genio, ou intento defraudallo dos elogios, que lhe sao devidos. Elle foi o primeiro, que entre as Nações cultas manejou com magestosa felicidade a trombeta Epica. Todos os elogios, que lhe tributa o grão Pope, e com elle toda a Posteridade, serão sempre inferiores ao seu merito " (Par. que deo o P. J. A. de M. sobre o mer. de Hom., p. 11).

efeitos, seu Decreto, a descida do Anjo, formão esta tira-da de oitavas, que os Senhores transcrevem, e sendo isto mais que = entrar no Reino d'agoa o Rei do vinho =, e a ridicula recepção, que o pai Neptuno faz ao tal bebado no 5.º das Lusiadas, achão os Senhores, que na determinação do lugar do Throno do Immortal ha lugares communs. Eis-aqui porque eu digo, que suas mercês não tem idéas das coizas, chamão lugar commum ao que devião chamar imitação do ad aetereum Caeli conspectus Olympum. Quem anda na investigação do acido oxigenio ouve em materias da Poezia cantar o gallo, mas não sabe aonde. No que se segue se descobre então de to do a calva da falta de critica. Ora oição; como eu não conheço outra Poezia mais levantada, que a da Biblia, pinto com as cores Poetico-Profeticas o Throno em que se assenta a Divindade " (Resp. aos Dois do Inv. Port. em Lond., p. 35-6).

TERCEIRA PARTE

Sobre a função da literatura

A reflexão sobre a vida humana
é feita através de uma linguagem
que se caracteriza por ser
essencialmente humana e
que se encontra no âmbito da
cultura humana.

O objetivo principal da obra
é o de apresentar a vida
humana em sua totalidade,
em suas diversas manifestações,
e mostrar a importância da
cultura humana para a vida
humana.

CAPÍTULO PRIMEIRO:

O ensinar e o aprender
e o deleitar

Dividir a vida em duas partes
é uma tarefa difícil, mas
necessária, para que se possa
entender a vida humana em
seus aspectos essenciais.

De um lado, a vida humana é
material, é física, é concreta,
é limitada, é finita, é
passageira, é efêmera, é
vulgar, é comum, é
humana.

A reflexão acerca da ação da literatura sobre o homem representa no pensamento estético-literário de José Agostinho de Macedo um problema de natureza diversa daqueles que até aqui estudamos

"Queimem-

O objetivo primeiro das letras deve ser o aperfeiçoamento moral do homem

se de huma vez tantas poezias, que longe de inspirar a boa moral,

corrompem, e amolecem os costumes, devinizão paixões, assoalhão mentiras: deixem-se, depois de maduro exame, algumas das infinitas que existem, que com o deleite sublime do espirito, aproveitão ao coração, ou fazendo amavel a virtude, ou dando a conhecer o vicio em toda a sua deformidade" (Mot. lit., v. 2, p. 7).

"Este ho-

Divulgar a Ciência é papel a ser desempenhado pelas letras. Mas, nesse mister, a simplicidade na expressão deverá constituir a sua lei

mem, (e assim devião fazer todos, e eu desejo, e procuro também com toda a ancia executar) deixou-se

do tom pesado, e pedantesco com que os sábios escrevem, e disputão; e assim como Horacio nas suas satyras, e epistolas parecendo superficial, e ligeiro, tratou as mais importantes materias, o bom Mercier, com o tom mais ligeiro, e até mesmo frivolo, com hum estilo risonho, e proverbial, discutio, aprofundou os objectos mais transcendentos, as materias mais importantes, e profundas, as sciencias de maior

abstração; e desta judiciosa maneira, alcançou duas coisas, fez-se entender de todos (pois parece que os filósofos á força de tenebrosidade querem espantar os leitores), e misturou o útil com o agradável, penhorando a atenção de toda a casta de doutos, e semidouros" (Mot. lit., v. 4, p. 83).

A novela

A novela e a comédia constituem gêneros literários que, segundo Macedo, seriam responsáveis pela degenerescência dos costumes de seu tempo

"De que servem tantas, e tão pestíferas novellas. Em primeiro lugar dão a conhecer a corrupção, e decadencia do

gosto em sólida literatura, e de mostrarem que he muito frivolo o seculo em que se produzem, que os costumes estão depravados, e que se aprazem de maior depravação com a pintura de paixões, de intrigas ridiculas, e de caprichos vãos, a titulo de communicarem boa moral, como se dá ao menino a medicina amarga em o vazo, cujas bordas vão untadas ou bezuntadas com o licôr doce" (Mot. lit., v. 2, p. 11).

A comédia

"As scenas observadas na sociedade aos ridiculos observados, e tirados do centro do coração humano, se substituirão caractéres fantasticos, intrigas extravagantes sem verosimilhança, sem ordem, e o peor de tudo sem moral, pois longe de ensinarem ridicularizando, e

rindo, corrompem insinuando, e facilitando os meios do crime, de maneira que alguns pais de familia perseguidos, e importunados pelas pobres filhas, cançadas toda a semana com o trabalho domestico, que as levem ao theatro, são obrigados a sahirem com ellas precipitadamente do camarote, para que não aprendão da bocca daquelles moralistas lições, que as conduzão ao precipicio, porque a primeira coisa, que se lhes ensina, he a maneira de lograrem os pais, até de tirarem debaixo do travesseiro as chaves da porta da rua" (Mot. lit., v. 4, p. 108-9).

O retrato constitui um gênero literário que, segundo Macedo, promoveria a edificação moral do homem

"Nesta colonia da República literária, que se chama Portugal, pois he tão fecunda em bons enge-

nhos, que não pôdem passar sem o alimento de boa literatura, eu desejaria que se determinassem alguns homens a darem á nação huma historia critica da mesma nação, desde os principios da monarquia até ao dia 29 de novembro de 1807, e que neste corpo de historia nada se omittisse do que fomos, do que fize mos, do que escrevemos, das leis que temos e dos varões illustres, que tanto se ennobrecêrão a si, e á patria; desta historia assim escrita, haver hum compendio para instruir nas escolas a mocidade" (Mot. lit., v. 2, p.22-3).

"(...) estes retratos de varões illustres, que tanto illustraram a nossa patria com o ferro

da cinta, e com a penna dos seus dedos, assim como para os de fóra serviriam de admiração e assombro, para os de dentro deveriam servir de estímulo, e de exemplo, sendo hum lição permanente, que ensinasse os actuaes a fazer o mesmo, ou mais ainda, que fizeram seus gloriosos antepassados, estimulando-lhes ou despertando-lhe o desejo de que os futuros biographos lhes fizessem o que eu biographo, e V.S^a tam bem intentamos fazer" (Cart., p. 107-8).

"Huma das

As letras devem contribuir para a melhoria sócio-econômica do país

maiores difficuldades que ha que vencer para se poder trabalhar no

melhoramento da Agricultura, he a obstinação e o capricho com que os povos se mantem escravos de seus antigos e supersticiosos costumes. He impossivel obrigarlos a renunciar o que huma vez arpendêrão; nem he facil persuadir-lhes, fazer-lhes entender, que admittão e reconheção por verdade in contestavel, que cada paiz, cada clima, e para o dizer de huma vez, cada terreno he hum objeto distincto em a natureza, e deve ser cultivado de diverso modo. Torno a dizer, que conheço toda a difficuldade de influir nos lavradores e nas suas opiniões. He preciso fazer-lhes cotejar os methodos estrangeiros com os nacionaes, para que as luzes que tirem desta comparação lhes sirvão de regras directivas em seus trabalhos ruraes. Por isto as Memorias sobre a Agricultura, as experiencias, ensaios fysicos que annuncião todos os dias a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Italia, e até os nos sos vizinhos Hespanhoes, em fim tudo quanto se discorre, in

venta, e prática nos paizes estrangeiros para fertilizar os campos, entrarão com muita escolha e muita critica neste Jornal" (Jornal Encyclopédico de Lisboa, p. 14-5).

"Haja botanicos, mas com as intenções, e cuidados do grande Duhamel, homem bem digno de respeito, pois encaminhou todos os seus trabalhos, não ao esteril deleite dos chamados sábios, mas á solida utilidade pública, que ensinem a semear, plantar, e produzir mais couves, nabos, alfaces, e outras plantas com que se enche a barriga, e conserva a saude. Tragão dos montes algumas para as ortas, que domesticadas se amaciem, e aproveitem, e dê-se mais estimação a hum ortelão Genovez, que nos trouxe o broculo, couve flôr, e rabanetas, que a toda a escola Grega de Lineo, e seus confrades" (Mot. lit., v. 2, p. 9).

Os outros povos existem no estado de barbaridade, e incommunicabilidade, em quanto não recebem leis, e se não estabelecem alguma forma de governo, com este se amacião os costumes, e perdem até os ultimos vestigios de rudez, e barbaridade. Não assim os amigos Sparciatas, erão barbaros orgulhosos, atrozes, aborrecião, e erão aborrecidos dos outros povos pelo espirito, ou intenção de suas mesmas leis, sua barbaridade não era natural era systematica, e por isso mesmo mais perversos, e mais dignos da execração dos outros póvos" (Mot. lit., v. 4, p. 22).

"Eu tenho

Para Macedo uma peça oratória vale tão-somente pelo seu poder de persuasão junto ao público.

ouvido dizer despropósitos a professoras-sos, que me tem espan-

tado. Inflamou hum orador o seu auditorio, moveo-lhe, e removeo-lhe o coração a seu arbitrio, excitou os affectos que quiz, levou da admiração á ternura, da ternura ao furor, do furor á compaixão, e ás lágrimas, persuadio, e convenceo finalmente. E o lapideo, ou corneo rethoricão, vem friamente dizer, que o exordio foi longo, alguma cousa commum contra as regras de Quintilliano, livro tal, paginas taes verso" (Mot. lit., v. 2, p. 287).

"Todo aquel

E a ação do propósito de deleitar no propósito de ensinar que confere às Letras um estatuto de ordem estética

le Livro que não enlaça o util com o agradável, não he digno de estima. Quando re-

creia o espirito cumpre que tambem instrua o coração; e este he o meio de que se servirão grandes homens para illustrar, e fazer estimaveis seus escritos. Hum Escritor que cheio de atrevidas invenções entretém os leitores no curso de dois, e mais volumes com accidentes sustentados, e levados com destreza, e de maneira interessante, e que no fim do Livro tem só enchido a alma de duélos, de raptos, de prantos, de lagrimas, de desesperações, e não tem a sciencia de instruir, nem o dom de chegar á perfeição, apenas possúe a menor parte do seu mister: porém aquelle mesmo que instrue sem aprazer, não instrue por muito tempo: he o Ma-

grisso do seculo, vê apodrecer seus Livros na Loja do seu Livreiro" (O Des., p. 6-7).

"Apraz-me que se abra diante de meus olhos hum vasto campo para vos instruir, e que se me offereçam objectos que nos levantem acima da frivolidade do seculo, em que com as virtudes moraes se vai apagando até o ultimo vestigio do bom gosto em literatura. Eu não deixarei jámais apagar este facho em o Téjo; tanto me empenho mais, quanto mais sensivel se me torna a sombra da barbaridade Vandalica que vai cobrindo, e envolvendo quasi todos os Reinos da consternada Europa. Sede feliz, e deleitai-vos com a leitura, e meditação dos bons Poetas; nelles se encontrão de espaço grandes rasgos de huma boa moral empregai-vos só em nelles descobrir este sentido, e contentai-vos com elle, na da mais se lhe encontra em seus pacificos delirios" (C. fil. a Att., p. 76-7).

As letras devem agir sobre o coração do homem

"Se hum es-
crito agrada, e se faz
lêr, he bem escrito:

deixar bradar os pedan-
tes com Luciano, e seu tratadinho das regras da historia, ou o volcanico Mably no seu sequispedal dialogo. A verdadeira regra he o sentimento, leião-me, e applaudão-me os homens, e fiquem berrando os criticos com as suas semetriacas regras: por onde elles dizem que se vai, não se vai ao coração" (Mot. lit., v. 1, p. 201-2).

A Henriada

"Huma gala

As Letras devem representar a vi-
da com tal força que com ela che-
guem a igualar-se

ria de quadros monoto-
 nos e soniferos, car-
 regados até ás ávèças

de antithezes, e embaloicaidas anáforas, nunca fizeram hum
 poema narrativo, he preciso invenção, he preciso interessar
 o coração, he preciso, que tudo esteja em movimento, em ac-
 ção, que excite sensações vivas, e animadas, que fação an-
 dar tanto á roda a cabeça do pio leitor, que o illudão a
 ponto de affirmar com todos os seus cinco sentidos, que vê
 obrar as personagens, e affirmar mui sério que as ouve fal-
 lar" (Mot. lit., v. 1, p. 112-3).

A Ilíada

"Mas nem por isso eu deixo de reco-
 nhecer Homero por hum grande genio, ou intento defraudallo
 dos elogios, que lhe são devidos. Elle foi o primeiro, que
 entre as Nações cultas manejou com magestosa felicidade a
 trombeta Epica.(...) Além de que, elle he admiravel, e ini-
 mitavel em certos rasgos, que são privativamente seus. Quem
 possuio já mais huma tão vasta, e tão ardente força de ima-
 ginar? Quem foi melhor Pintor? Quem possuio huma sensibili-
 dade tão delicada, huma veia tão rica, e hum estro tão fe-
 cundo? Quando maneja o pincel parece que verdejão, e flore-
 cem os objêtos com suas cores naturaes; e para dizer tudo
 de seu magico estilo, como testemunha Angelo Policiano,

rompe huma torrente inexhausta de meliflua harmonia. Quando elle quer, quasi por hum encanto apparecem diante de meus olhos os Guerreiros, as náos, as arvores, as refregas, os mares, ouço o estrepito dos combatentes, o rebombo das trombetas, o assobio dos cavallos, então assombrado tremo; e para o dizer tambem em fraze HomERICA, quasi me he preciso de fender com as mãos, para arredar as nuv^{es} de settas, e passadores poeticos que elle aventa" (Par. que deo o P. J.A. de M. sobre o mer. de Hom., p. 11-2).

"O bom Poe

Macedo toma a emoção, para clas-
sificar, de um lado, alguns poetas
e gêneros literários e, de outro,
as artes

ma Epico tem huma for-
ça triunfante sobre ou-
tro escripto, porque
seu estillo serve mais

a imperiosa lei dos sentidos, e mais os occupa, e agita com tanto que seja parco em tropos, allegorias, e symbolicas descripções. Eis-aqui o motivo porque he mais forte Homero que Virgilio, Ossian que Milton, e Milton que Pope. Eis-aqui tambem porque o Poema Tragico excede o Epico em poder de tocar, e commover os sentidos, e porque o Poema Lyrico ceda tanto, e tanto seja inferior ao Epico, e ao Tragico" (C. fil. a Att., p. 156-7).

"Em fim, respondi, que ainda que me parecesse immensa a perda do museo das artes, onde existem tantos extremos e apuros do pincel, e do cinzel, com tudo comparando-a á perda da livraria deposito unico, ou dos beneficios, ou dos destemperos do engenho humano, eu a reputa

va menor, e assim que ardessem os painéis quando quizessem e que entrassem quando lhes parecessem os vencedores de Marengo, e que fizessem o que costumão, que he mutilar quantos bonecos de pedra encontrão ainda que sejão de Fidias, e de Canóva. Isto he na verdade huma perda dolorosa, mas póde ser adoçada pela posse dos mais preciosos monumentos de litteratura, que toção de mais perto o coração, e o engenho" (Mot. lit., v. 4, p. 124-5).

Í N D I C E

P R I M E I R A P A R T E

S o b r e a c r i a ç ã o l i t e r á r i a

<u>CAPÍTULO PRIMEIRO</u> — Natureza ou arte?	p.	5
--	----	---

S E G U N D A P A R T E

S o b r e a o b r a l i t e r á r i a

<u>CAPÍTULO PRIMEIRO</u> — A Natureza	p.	18
<u>CAPÍTULO SEGUNDO</u> — O conteúdo e a forma	p.	35
<u>CAPÍTULO TERCEIRO</u> — A imitação dos antigos e a originalidade	p.	50
<u>CAPÍTULO QUARTO</u> — A verossimilhança e a ver- dade	p.	58

T E R C E I R A P A R T E

S o b r e a f u n ç ã o d a l i t e r a t u r a

<u>CAPÍTULO PRIMEIRO</u> — O ensinar e o deleitar	p.	73
---	----	----

